



Nietzsche e a crítica sobre a Vontade de Schopenhauer a partir da apresentação da Vontade de Potência

Paulo Sérgio Alves de Souza Filho¹

Resumo: Nietzsche constitui a vontade como uma faculdade do animal homem, entretanto constrói uma crítica acerca do entendimento de vontade tradicional submetida por Schopenhauer, o qual procura compreender que os fenômenos da vontade agem como uma cega vontade de viver e de se assumir, ausente de razão ou finalidade. Diante deste conceito decorrente, que a vontade possui, de ter um querer, e, através disso, o homem se comportaria como um sujeito, e caberia-lhe uma escolha de agir ou não acerca da vontade. A partir do problema metafísico e do problema da construção do sujeito, Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* apresenta o seu conceito de vontade de potência como a vontade orgânica que não pode ser consumada com qualquer conceito metafísico, ao contrário de ter uma vontade de viver definida pelo Schopenhauer. Nietzsche, em diferentes obras nos assume que esse seu conceito de vontade de potência não se assume além dos fenômenos, e o próprio homem não é um sujeito uno que tem sobre si a vontade, sendo apenas o propulsor de seus efeitos.

Palavras-chave: Nietzsche. Schopenhauer. Vontade. Vontade de potência.

INTRODUÇÃO

Nietzsche teve o seu primeiro contato com Arthur Schopenhauer a partir da obra *Mundo como Vontade e Representação*, sendo este o seu primeiro passo para a filosofia. Nos conceitos schopenhauerianos via o próprio pensador como um mentor, uma vez que a metodologia educacional não escolar acaba se desenvolvendo através da autoeducação como um processo de libertação intelectual, ou seja, ele via em Schopenhauer um movimento de libertação da corrente tradicional, visando neste processo educacional atingir a maturidade erudita apresentada em *Schopenhauer como educador*.

Na obra *O Nascimento da tragédia* ele infere que Schopenhauer sustenta que a verdade é uma parte integrante do real, porém não está localizada no mundo físico, mas sim necessita estar num mundo metafísico. Nietzsche, quando jovem, se aproxima da filosofia schopenhaueriana com a música e a relação metafísica que lhe atribui, tentando demonstrar um pessimismo voltado ao dionisíaco. Com influência do pessimismo de Richard Wagner, com quem teve uma grande amizade se apaixonou pelas suas sinfonias e dramas musicais, onde via a reencarnação da grande arte grega. Ainda que com essa influência quando mais novo,

1 Graduando em Filosofia, Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail: p.alvesfil@gmail.com

em sua maturidade, nos apresenta críticas severas a Wagner e a Schopenhauer pela *décadence* que ambos se entregaram, principalmente ao ideal metafísico e ao cristianismo, por julgar que caíram na velha ideia da vontade de verdade na busca de uma ideia abstrata da realidade e da verdade metafísica que tanto nos chama a atenção e nos seduz.

Em vista da apresentação da Vontade de potência que Nietzsche exibe no segundo livro da sua obra *Assim Falou Zaratustra*, no aforismo intitulado *Da superação de Si*, observamos dar continuidade a própria ideia do representar, ao definir a vontade de verdade, do alemão *Denkbarkeit*, a possibilidade de representar o que está aí, onde *Denk* que parte do alemão *denken*, que significa pensar, e *barkeit* que indica a possibilidade, ou seja, '*Denkbarkeit*' como a possibilidade de representar como uma necessidade da própria vontade de potência.

Ao se referenciar a Schopenhauer, ele vai principalmente refletir o conceito tradicional de vontade de forma crítica, se afastando da concepção metafísica de sujeito. Nietzsche elabora uma crítica metafísica à ideia de Schopenhauer ao apresentar a vontade de potência distanciando-se do conceito decorrente de verdade influenciada pelo seu mentor, partindo da crítica à linguagem e à metafísica, e como esses problemas demonstram uma construção de sujeito errônea; onde é fundamentada num ideal metafísico falacioso, como podemos ver em obras como *A Gaia Ciência*, *Crepúsculo dos Ídolos* e *Além do Bem e do Mal*.

1 'VONTADE DE VERDADE É COMO SE CHAMA PARA NÓS, Ó MAIS SÁBIOS DOS SÁBIOS, O QUE VOS IMPELE E VOS TORNA FERVOROSOS?' (NIETZSCHE, 1974, P.245)

Nietzsche determina que '(...) *la voluntad de verdad es aquí meramente la aspiración a un mundo de lo permanente*.' (NIETZSCHE, 2008, p.249), sendo a vontade de verdade o que em nós fomenta a procura de representar; essa vontade não busca nos enganar, mas, conhecer e representar como uma necessidade fisiológica de sobrevivência cujo é necessária para a existência. A vontade de verdade é involuntariamente a própria dissimulação do que determina o real, afastando o homem do mundo físico ao partir de uma necessidade única do animal homem, já que ele pensa continuamente. Em todo esse processo do representar, a nossa vontade de verdade acaba sempre sendo tensionada a se fixar sobre algo no mundo.

Assim, a linguagem surge como símbolos para determinar o real, e por estar ligado a representação faz-se manifestar como a própria vontade de verdade, de forma a conhecer o mundo a partir de símbolos, remetendo ao antigo problema moral do homem estar num rebanho com a sua vontade de potência adoecida, se encontrando na errância ao acreditar que descobriu a verdade por atingir um consenso entre os seus semelhantes, a uma concordância efetiva, que seria falaciosa. Segundo o autor de *Assim Falou Zaratustra*, a linguagem é expressa à partir de procedimentos fisiológicos como signos de comunicação, pois tudo que o homem conhece é o outro, sendo assim, quer se relacionar com este, nos levando ao ato de crer, de sossegar num conceito, 'Ao dar-se conta de sua fixação inadequada, à efetividade, a vontade de verdade penetrou na sua essência inicial.' (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.169). Essa

é a enfermidade humana; ignorar a vida, pois quando caímos na fixação da linguagem, na verdade metafísica, caímos em uma *décadence*, num niilismo.

Schopenhauer foi o primeiro a negar uma verdade incondicional, a existência de um deus, começando a se distanciar do rebanho. Nietzsche (2017, pag, 34) afirma que ele se deixa levar por uma sedução antiga, e que em sua filosofia se encontra vestígios do cristianismo pelo ato de crer, caindo na *décadence* ao se fixar na linguagem, crendo em uma verdade num mundo metafísico. Aqui, a verdade se torna um problema moral, pois, como o homem tem um desejo fisiológico de sobreviver, ele têm a necessidade dessa crença, mas depender dela não significa se entregar ao delírio que Hegel se entregou; o animal homem deseja integrar-se ao rebanho, então nega uma genealogia da linguagem. Ao decorrer do desenvolvimento do homem em sociedade, torna-se um hábito agir conforme as normas da comunidade, de modo a criar uma situação confortável para uma maioria, onde os fracos estabelecem a moral, atingindo um consenso quanto à efetividade de uma verdade, de forma a perpetuar a sua vida miserável.

Como Nietzsche infere, a linguagem apresenta-se como meros símbolos que não possuem uma relação causal com a coisa-em-si, dessa forma não podemos atribuí-la a nada na realidade; a necessidade de uma relação causal nasce de uma necessidade fisiológica de medo do homem que quer a crença a todo o custo, que o traz conforto e o afasta do medo, mas não podemos atribuir a linguagem a nada no mundo por acreditar que essas causas fantasiosas podem ser atribuídas a algo no real. Nietzsche (2017, p.34) nos afirma que é a partir dos sonhos que ocorre a dissociação de causa e efeito, o animal homem pensa ter descoberto um mundo metafísico e ao relacionar essas imagens acreditamos que as imagens e os símbolos podem ser atribuídos a uma causa, pois as ideias que constituímos por uma certa condição fora subentendida como um efeito de causas a partir delas. Desta maneira, não devemos ficar apenas nessa crença da verdade e achar que estamos distantes do erro e que isto seria um problema, pelo contrário, necessitamos do erro, precisamos estar em conflito com essa verdade.

(...) o intelecto que visse causa e efeito como continuum, e não, a nossa maneira, como arbitrário esfacelamento e divisão, que enxergasse o fluxo do acontecer – rejeitaria a noção de causa e efeito e negaria qualquer condicionalidade.” (NIETZSCHE, 2016, p.131)

Para o autor de *Genealogia da Moral*, Schopenhauer acreditando que a linguagem tem uma relação causal de causa e efeito, e, ao representar um símbolo pensa-se que este condiz ao objeto, o que resulta numa interpretação incorreta de uma causalidade onde se está condenado a esta antiga sedução. Assim, essa linguagem é empregada e mantida num mundo próximo do verdadeiro, causal nesse sentido; Nietzsche critica o conceito tradicional de vontade de Schopenhauer, quando este visa estabelecer verdades metafísicas num mundo transcendente, ao dizer que todo objeto têm a vontade de ser representado e devemos estabelecer uma verídica representação num mundo platônico.

Nietzsche nega que essa verdade se encontra num mundo suprassensível, do lado do real, vê o transcendente como fábula, a verdade a qual tanto Schopenhauer se refere, pois esta verdade acaba se estagnando a partir da linguagem, implicando um paralogismo, resultando na afirmação de uma verdade metafísica. Podemos observar que ao se utilizar dela ‘(...) o homem colocava um mundo próprio ao lado do outro’(NIETZSCHE, 1974, p.100), ele almeja ser a autoridade sobre esse mundo e que o conhecimento venha deste, como a própria verdade universal; a linguagem nos ajuda a representar o real, mas, aquela velha sedução para os fracos de que a verdade só se encontra através da linguagem por meio de um efeito causal acaba por não termos intenção de modificar-nos e adaptarmo-nos ao real, mas se estagnar.

As palavras estão em nosso caminho! - Onde os antigos homens colocavam uma palavra, acreditavam ter feito uma descoberta. Como era diferente, na verdade! – eles haviam tocado num problema, e supondo tê-lo resolvido, haviam criado um obstáculo para a solução. – Agora, a cada conhecimento tropeçamos em palavras eternizadas, duras como pedras, e é mais fácil quebrarmos uma perna do que uma palavra. (NIETZSCHE, 2016, p.41).

Em conformidade, essa crença apresenta-se ao nos prendemos a uma determinada linguagem e a tomarmos como uma verdade absoluta, diferindo-se então da própria realidade. Sob o ponto de vista dessas crenças como um objeto de idolatria, nos estagnamos e aí ficamos. Como afirma Nietzsche (2023, p.39), a partir do mais profundo sentimento das nossas paixões, atribuímos uma ideia de durabilidade e morada; a fé é acreditar na causalidade de uma linguagem atrelada a um objeto no mundo, o qual amamos pela sua durabilidade, assim como ‘todas as instituições que outorgam a uma paixão fé na sua duração e responsabilidade de duração’ (NIETZSCHE, 2016, p.29). Ao utilizarmos da linguagem e referimo-nos ao que está aí como algo que não coincide com isso, o erro não nos leva a um problema, mas a fixação e a fé na crença desta linguagem.

Que é uma crença? Como ela surge? Toda crença é um tomar-por-verdadeiro. A forma mais extrema do niilismo seria: o fato de que toda crença, todo tomar-por-verdadeiro é necessariamente falso: porque um mundo verdadeiro absolutamente não há. Ou seja: uma aparência perspectivística, cuja proveniência reside em nós (na medida em que necessitamos ininterruptamente de um mundo mais restrito, mais abreviado, simplificado) - o fato de que a medida da força é quanto podemos admitir da necessidade da mentira, sem pecar. Nessa medida, o niilismo poderia, como negação de um mundo verdadeiro, de um ser, ser um modo de pensar divino (NIETZSCHE, 2013, p.292),

Dessa maneira, estamos sempre suscetíveis a crença ao assumirmos como uma espécie de verdade; ignoramos o falso, e tudo que contradiz ao que acreditamos, mas isso

é importante, a nossa vontade de inverdade e vontade de verdade age como algo que não pretende nos dissimular, mas sim, modificar-se a partir deste antagonismo, ‘(...) a vontade de potência necessita de antagonismo, que, sem dúvida, só pode ser vontade de potência.’ (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.73). Aqui, o homem vê a errância como algo negativo, ao alcançar essa verdade num mundo distante do que está, ele acredita descobrir a verdade última do mundo, e a todo instante essa necessidade resulta o não ter algo errado resultando na fixação desta linguagem, de modo que a transforme em crença.

Destarte, a verdade científica não é rejeitada por Nietzsche, dessa forma podemos criticar duramente a verdade metafísica; pois segundo ele o homem é um animal que não surgiu para o conhecimento, aproximando-se de Hume ao afirmar que devemos não só partir de nossos sentidos, como aceitá-los como principal acesso ao real. Assim, devemos buscar nos refinarmos e empenharmo-nos nos melhoramentos destes, reduzindo toda a verdade metafísica a uma insignificância, como o objeto de crítica, a verdade suprassensível se torna de considerável para se chegar à verdade no real. A verdade se apresenta como a representação do mundo físico, ainda que de maneira contraditória; assim não deveríamos nos fixar em conceitos linguísticos paralogísticos, que em sentido disso não se fixa no real, necessitando modificar constantemente a própria verdade por antagonismos.

Nietzsche diz não a busca de uma verdade metafísica, mas diz sim ao choque entre a verdade e a inverdade, ele afirma a luta, aceita a vontade de potência. Embora seja necessária esta vontade de verdade, pois temos que partir de um juízo para podermos julgar algo, precisamos estar em contato com a inverdade de modo a ter esse choque de antagonismo, aceitar que o que está aí está em mudança, aceitar a luta constante entre vontade de verdade e de inverdade, onde uma não depende da outra, uma linguagem que não permite se estagnar. “A vontade que sempre quer mais potência tem de considerar essa transformação, à medida que ela mesma se transforma” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.190).

2. ‘NÃO ATINGIU A VERDADE, POR CERTO, QUEM ATIROU EM SUA DIREÇÃO A PALAVRA DA ‘VONTADE DE EXISTÊNCIA’: ESSA VONTADE – NÃO HÁ’(NIETZSCHE, 1974, P.246)

A partir do aforismo *Da superação de si*, Nietzsche evidencia a forma pela qual Schopenhauer se submete à vontade de verdade ao afirmar que a vontade seria definida como uma ação cega a partir de uma causa, como se o sujeito tivesse uma vontade de existência: *Wille zum Dasein*.

Schopenhauer define o conceito de vontade com forte antipatia pela filosofia Hegeliana e influência de Platão e de Kant, onde afirma que o conhecimento humano está limitado ao fenômeno, ou seja, à forma como a realidade se apresenta a nós através das categorias e formas da sensibilidade, espaço e tempo. A coisa em si permanece inacessível a nosso conhecimento, ao possuímos acesso a realidade, à priori, acessamos a sua representação no intelecto que parte de uma experiência sensorial do sujeito, ‘(...) fato, cada um é o próprio sujeito do

conhecimento, cuja representação é o mundo (e isso também seria uma sentença verdadeira)' (SCHOPENHAUER, 1974, p.11).

Diante disto, a realidade não estaria sob o nosso acesso, mas sim, o fenômeno; e, a partir dele, é possível traçar diferentes perspectivas enquanto sujeitos. O mundo é como ele é, independentemente da percepção, que só se manifesta como um fenômeno, de maneira que, como elucida Schopenhauer a verdade necessita estar fora dessa esfera da experiência sensorial e subjetiva, temos que acessá-la num mundo ideal, tal como Platão nos demonstra um mundo metafísico, onde o conhecimento da coisa em si se apresenta como um ideal gradual, ao referir-se à alegoria da caverna.

A Idéia platônica, ao contrário, é necessariamente objeto, algo conhecido, uma representação e justamente por isso, e apenas por isso, diferente da coisa-em-si. A Idéia simplesmente se despiu das formas subordinadas do fenômeno concebidas sob o princípio de razão; ou, antes, ainda não entrou em tais formas. Porém, a forma primeira e mais universal ela conservou, a da representação em geral, a do ser-objeto para um sujeito (SCHOPENHAUER, 2005, p.242).

Possibilitando assim a conclusão de que, para ele, a razão é uma ideia metafísica transcendente. Desta maneira, percebemos a coisa em si fora de uma compreensão temporal, a razão como necessária para se partir de um juízo, '(...) a consciência de si do sujeito cognoscente, não como indivíduo, mas como sujeito puro, independente da vontade e do conhecimento' (SCHOPENHAUER, 1974, p. 32). Ao inferir que o em si pode ser visto como a vontade, não é apenas algo que se manifesta e deseja livremente, mas é onipotente; ela manifesta-se como próprio querer eternamente inconformado almejando a coisa em si.

A vontade não se limita somente à ação, mas também, ao mundo. Esse conceito tradicional de vontade é o que determinará a ação do homem, que assim como a ideia cartesiana de sujeito é uno e indivisível em cada ser que o percebe e conhece, sendo dotado de vontade. Segundo Schopenhauer, a vontade é o que representa o mundo, querendo ser representada à partir de um ser que consegue perceber o fenômeno.

[...] sujeito do conhecimento que aparece como indivíduo. Tal palavra se chama VONTADE. Esta, e tão-somente esta, fornece-lhe a chave para seu próprio fez. O nômene, manifesta-lhe a significação, mostra-lhe a engrenagem interior de seu ser, de seu agir, de seus movimentos. (SCHOPENHAUER, 2005, p.156).

Outrossim, o intelecto se apresenta como um fator que estimula a vontade, pois, à partir do fenômeno o sujeito uno deseja conhecer a coisa em si e a si como se fosse um objeto; desejando possuir, sempre irá desejar algo onde se joga a prazeres mundanos desse puro querer cego de algo que existe, por existir é dotado de vontade de existência, *Wille zum Dasein*. Sendo assim, para Schopenhauer, a própria vontade é tudo que existe e que se encontra insaciável, dessa forma o mundo seria puro sofrimento, sendo impossível saciáramos essa vontade. A vontade de existência é uma coisa-em-si universal objetivada por fenômeno, a objetivação da vontade traz consigo a sua própria divergência original que reflete a luta de

todos os indivíduos pela matéria constante do mundo para se expor e afirmar que ‘Tais reflexões levam a um pessimismo metafísico’ (SCHOPENHAUER, 2005, p.14).

Assim, ele sugere uma filosofia prática de um ideal ascético, onde este é aquele que opera toda a negação da nossa vontade; teríamos então a própria liberdade de negar a vontade de maneira objetificada, pois, precisaríamos inibir os seus desejos como detentores da razão. Ao possuírmos a verdade, ou seja, o consenso de um objeto no mundo, poderíamos rejeitar a vontade, apresentando a mais ampla oportunidade de redenção e representando o mais alto nível de ética, demonstrando compaixão com o próximo. Essa visão pessimista que parte de um mundo como sofrimento se torna uma crítica ferrenha de Nietzsche principalmente na sua obra *A genealogia da Moral*, porém a presente discussão se atém apenas à fundamentação da crítica metafísica e a conceptualização do sujeito.

Dessa forma, para Schopenhauer, o sujeito se torna um indivíduo uno e indivisível; alguém que controla a vontade e os seus desejos, objetificando a coisa em si, podendo reprimi-los à fim de aceitar o sofrimento dessa ideia metafísica e portar-se em sociedade, ele torna-se então seduzido por uma verdade abstrata onde este o controla. Para Nietzsche, os fracos sustentam esse pessimismo, onde o forte têm a sua vontade inibida e transviada; Schopenhauer assim se entrega à uma vontade de verdade, estabelecendo como uma ideia de sujeito abstrata para garantir uma metafísica moral voltada à estagnação da ideia do indivíduo, submetendo-se ao medo, onde o sujeito dotado de vontade representa-se por uma razão a si próprio, busca existir tornando-se uma representação estagnada. Esse é o lugar da existência da velha sedução metafísica que cabe a ideia do sujeito, nos tranquiliza e inibe a vontade de potência.

3. ‘ASSIM ME ENSINOU UM DIA A VIDA: E COM ISSO, Ó SÁBIOS DOS SÁBIOS, VOS SOLUCIONO TAMBÉM O ENIGMA DE NOSSO CORAÇÃO’(NIETZSCHE, 1974, P.247)

Além da crítica metafísica, é importante salientar a crítica fisiológica da construção do sujeito, onde encontramos a noção que parte de Descartes, a qual permanece e procura se fixar num mundo transcendente. Nietzsche sempre buscou distanciar-se desse conceito, inferindo que ‘basta-lhe o sentimento da vontade, não apenas para a suposição de causa e efeito, mas também para a crença de compreender a sua relação’(NIETZSCHE, 2016, p.139). Para ele, isso é um equívoco, o que justifica a crítica direta ao Schopenhauer; sendo então possível conceber a veracidade de uma noção de um sujeito uno, pois parte de uma interpretação equivocada a qual se fixa numa verdade metafísica de que o sujeito toma uma decisão e que age, tendo esse e tem vontade. ‘(...) todo autoespelhamento do espírito têm seus perigos no fato de que poderia ser útil e importante para a sua atividade interpretar-se de maneira falsa’ (NIETZSCHE, 2015, p.621).

Por conseguinte, Nietzsche considera o eu como multiplicidade de uma reação de forças que se chocam entre si, resultando num impulso, enquanto Schopenhauer acredita ser a reação de um indivíduo. O homem não possui a vontade, a sua ação é mera propulsora da vontade de potência; as quais só se tornam indivisíveis frente à areia movediça da linguagem que busca se fixar. A multiplicidade unifica a si mesma como uma unidade. O uno do eu, conforme o autor de *Aurora*, só foi usado na velha sedução metafísica daqueles alemães; essas

peçoas que pensam na unidade só consideram as suas necessidades, de forma pensam em se tornarem grandes e perpetuar o rebanho, adoecendo os fortes, tendo visto elevar os seus grandes devaneios como verdades.

Dessa maneira o indivíduo se esconde na generalidade do conceito “homem” ou na sociedade, ou se adequa a governantes, classes, partidos, opiniões da época ou do ambiente: e para todas as sutis maneiras de nos pormos felizes, gratos, fortes, enamorados, encontra-se facilmente o símile animal. (NIETZSCHE, 2016, p.28)

Essa ideia que vemos do sujeito é como o quale, ‘(...) que constitui o mundo em suas graduações múltiplas. A “irradiação de vontades de potência” está atrás de tudo que aparece como força’ (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.63), a sedução metafísica que Schopenhauer decai e a qual ele interpreta como uma fé de uma causalidade é o resultado de um quale de potência que se salta, *‘El sujeto anda saltando, dando vueltas, probablemente sentimos el grado de las fuerzas y las pulsiones, cuán cerca y cuán lejos, y nos interpretamos como un territorio y una llanura, que en realidad es una multiplicidad de grados cuantitativos.’* (NIETZSCHE, 2008, p.616).

Diante disto, Nietzsche afirma que o eu se apresenta como os resultados dessas forças, o choque entre os quais é todo acontecer, desse modo toda a nossa ideia de impulsos é derubada, isto se define como luta, como mundo; o choque de forças entre potências se formalizando como um quantum de potência, sendo a vontade de potência um eterno continuum, não de causa e efeito, mas de uma multiplicidade fisiológica que se chocam entre si na minha interioridade propulsando, da seguinte forma *‘Por eso lo llamo un quantum de voluntad de poder (Wille zur Macht): con lo cual se expresa el carácter que no puede ser suprimido del orden mecánico sin que se suprima este orden mismo’* (NIETZSCHE, 2008, p.533)

A qualidade do que é quantitativamente diferente se define pela vontade de violar como o domínio, o desejo de potência requerendo mais potência, um choque qualitativo de superar-se, e como tal, é uma característica inerente da vontade de potência dominar sobre o outro, assim como também se possui a necessidade de se proteger da violação. Dessa forma, há o anseio para a própria luta de potência, a superação de si, assim como a própria luta de antagonismos; não podemos nos estagnar, pois estamos constantemente em transformação; unicamente quando somos transviados moralmente por uma metafísica, como é a forma que Schopenhauer propõe com o ideal ascético, é que não a concretizamos, direcionamos essa luta, convertemo-nos em enfermos não efetivando adequadamente a vontade de potência.

CONCLUSÃO

Consequentemente, segundo Nietzsche, o homem fraco observa apenas a causalidade e os seus efeitos originando a imagem do devir de uma vontade; sob essa ótica, construímos uma verdade de que somos um sujeito uno estagnado dotado de impulsos, alguém que conduz uma ação, capaz de causar um efeito em algo, mas ‘ninguém explicou o empurrão’ (NIETZSCHE, 2016, p.131). Nesse agir como ação não há aprofundamentos, apenas a crença nessa perspectiva, como o próprio Schopenhauer, uma vez que sugere a vontade como um

impulso, uma vontade de viver. Desta maneira, se faz necessário representar a nossa imagem, e uma verdade num mundo metafísico onde cada coisa representada é uma sucessão de eventos que isolamos e imaginamos serem eficazes enquanto sujeito, elaboramos uma metafísica. Que delírio!

Isto posto, é apresentado por Nietzsche uma severamente crítica à Schopenhauer ao passo que amadurece os seus conceitos; percebemos claramente seu afastamento do autor de *O mundo como vontade e representação*, o qual defende um ideal metafísico fundado numa linguagem que busca se fixar como um efeito de uma causalidade, uma realidade completamente infundada onde a verdade encontra-se num mundo fictício. Apesar de ser o primeiro europeu a afastar-se do rebanho, Schopenhauer cai na armadilha da vontade de verdade ao se fixar num âmbito metafísico, defendendo não só uma metafísica abstrata, como também propulsores para transviar a vontade de potência.

Dessa forma, concluímos que a crítica formulada por Nietzsche à vontade de Schopenhauer parte da apresentação da vontade de potência na obra *Assim Falou Zaratustra*, no aforismo intitulado *Da superação de Si*. Observamos claramente como Schopenhauer nos apresenta um 'efeito posterior da antiga religiosidade' (NIETZSCHE, 2016, p.138) ao nos propor explicações místicas e fabulosas, principalmente por crer que a coisa em si seria vontade, ao passo que só quem as possui são organismos capazes de experimentar o prazer e desprazer; além de afirmar que caberia a um sujeito uno e indivisível a vontade de representar a própria vontade, cujo dotado de razão e dessa manifestação onipotente elevaria uma metafísica. Concernente a Nietzsche, a coisa em si é algo de como a vontade de potência reage ao fenômeno, não é algo que se possui, ou seja, não se fixa em mundo metafísico; se contrapõe totalmente ao pessimismo de Schopenhauer, pois este transvia a luta, não valoriza a vida, por consequente a vontade de potência, se encontra numa *décadence*.

Portanto, é possível sintetizarmos que onde há força, uma irá sobressair a outra, apresentando uma luta constante; os quais se chocam formalizando um quantum de força buscando superar-se e possuir mais potência. Quando Nietzsche apresenta a vontade de potência no aforismo *Superação de Si* na obra *Assim falou Zaratustra*, ele determina a vontade de verdade atuando como a própria vontade de potência, ela busca se superar ao possuir a verdade e a inverdade, resultando na própria genealogia da linguagem e a sua modificação, ele aceita o erro ao dizer sim à contradição e ao antagonismo das forças que buscam dominar o outro, sabendo assim que não nasceu para conhecer, mas, para buscar potência, se afastando de uma verdade metafísica. Por conseguinte, é preciso esse choque de forças para se permitir tomar conhecimento acerca do real; tudo que existe é essa luta de transformação, a vida como um choque de potência em um eu como um múltiplo, da mesma forma para os outros, buscamos nos superar a partir dos choques destes quais, sempre requerendo mais potência enquanto conduzidos pela própria vontade de potência, logo, não devemos adoecer a nossa vontade acreditando que somos um sujeito uno e que há uma verdade metafísica capaz de sustentar a idéia de uma vontade cega e onipotente tal qual a apresentada por Schopenhauer.

REFERÊNCIAS

MARTON, Scarlett. Nietzsche: a transvaloração dos valores. São Paulo: Moderna, 1993.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia. São Paulo: Ed. da Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2016

NIETZSCHE, Friedrich. Coleção Os pensadores, vol. XXXII. Tradução Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. Fragmentos póstumos: 1884-1885: volume. Trad. Marco Antônio Casanova. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. Fragmento póstumos; 1885 -1887: Volume VI. Trad. de Marco Antônio Casanova - Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich . Fragmentos Postumos Volumen II (1875-1882). De la edición de la obra: Diego Sánchez Meca, 2008. De la traducción y notas: Manuel Barrios y Jaime Aspiunza, 2008. .— 1º ed. — Madrid : O EDITORIAL TECNOS (GRUPO ANAYA, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, Friedrich . Fragmentos Postumos Volumen IV (1885-1889). De la edición de la obra: Diego Sánchez Meca, 2008. De la traducción y notas: Juan Luis Vermal y Joan B. Llinares, 2008. .— 1º ed. — Madrid : O EDITORIAL TECNOS (GRUPO ANAYA, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da Moral: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza.— 1º ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2017

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação, I tomo. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. - São Paulo: Editora UNESP, 2005

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Paulo Sérgio Alves de Souza Filho é Graduando na UFPB. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9227-8765>. E-mail: p.alvesfil@gmail.com.

Endereço: Campus I Lot. Cidade Universitaria, PB, 58051-900

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Prof. Mestre Felipe Cordeiro Alves / Prof. Doutorando Francisco Alvarenga Junnior Neto